

A notícia no Jornal de Notícias, de 6 de Abril de 2010:

Vivem há anos rodeados de lixo à porta de Centro Comercial

«Dois irmãos sem-abrigo, que combateram em África, dormem todos os dias, há anos, numa das ruas mais movimentadas de Odivelas. Recusam-se a sair dali e sobrevivem da caridade de populares, que criticam a inoperância das entidades competentes ...»

A Associação de Combatentes do Ultramar Português (ACUP) interessou-se pelo caso e, desde Setembro, tem procurado uma solução ...



Associação de Combatentes destaca problema de saúde pública

Como os dois irmãos combateram em África, a Associação de Combatentes do Ultramar Português (ACUP) interessou-se pelo caso e, desde Setembro, tem procurado encontrar uma solução junto da Câmara de Odivelas e das autoridades de saúde. “Este é um caso de saúde pública e também humano. Se não houver sensibilidade das entidades competentes, esta situação vai continuar a arrastar-se”, alerta o presidente da ACUP, José Nunes, criticando a inoperância das autoridades.

des. “A Câmara dizia que a delegada de saúde não defendia o internamento compulsivo e agora a delegada de saúde diz que solicitou um relatório em Janeiro de 2009 e a Câmara nunca o deu”, alega o responsável. José Nunes alerta também para a dificuldade em fazer internamentos compulsivos face às exigências demasiado rígidas da legislação portuguesa. O responsável pretende agora tentar que os dois irmãos sejam sujeitos a exames médicos. “Não temos conhecimento de que tenham tido alguma intervenção médica nem se são portadores de alguma doença contagiosa. O que sabemos é que incomodam as pessoas dos prédios vizinhos devido ao mau cheiro, porque não devem tomar banho há anos”, diz.

Vivem há anos rodeados de lixo à porta de Centro Comercial

LUÍS GARCIA

foto Luís Garcia/global imagens



Retrato de miséria de dois irmãos em pleno centro da cidade indigna a população

Dois irmãos sem-abrigo, que combateram em África, dormem todos os dias, há anos, numa das ruas mais movimentadas de Odivelas. Recusam-se a sair dali e sobrevivem da caridade de populares, que criticam a inoperância das entidades competentes.

De roupas velhas e sujas, cabelos e barbas longas e grisalhas, António, 61 anos, e José Aldeia Soares, 64, são um mistério para quem todos os dias os vê junto ao Centro Comercial Oceano, no centro de Odivelas. É ali que os dois irmãos dormem e passam os dias, rodeados de caixotes e outra "tralha" que vão recolhendo nos depósitos de lixo.

Com evidentes problemas psicológicos, quase não falam com ninguém mas, das poucas vezes que o fazem, a ideia que mais vezes expressam é de que "as pessoas são más, ralham e batem-nos".

Só o comerciante António Agostinho, que, há dois anos, lhes leva diariamente comida quente, roupa e cobertores, conseguiu furar a barreira que os dois homens ergueram e ganhar-lhes confiança.

"Humilhação enorme"

"Venho ajudar e dar-lhes uma palavra amiga porque acho que viver assim é uma humilhação enorme", explica António Agostinho, "Aos poucos, eles foram ganhando confiança comigo e agora pedem-me tudo o que precisam. Não aceitam comida de mais ninguém", acrescenta. Depois de receber vários alertas da população, a Câmara de Odivelas passou a acompanhar o caso, assumindo como mediador António Agostinho, dada a sua proximidade aos dois sem-abrigo. A autarquia garante ter encetado já diversas diligências para ajudar a recuperar os dois homens, que terão passado pela busca, sem sucesso, de familiares em condições de ajudá-los e até pela disponibilização de uma casa pré-fabricada onde pudessem viver.

No entanto, garante a Câmara, os irmãos nunca se mostraram interessados.

António Agostinho, que até já visitou o pré-fabricado, acabou por renunciar ao papel de mediador, por considerar que a Câmara de Odivelas não tem feito tudo o que está ao seu alcance. "O contentor está num parque da Câmara. Nunca arranjam terreno para ele", alega o comerciante, com os olhos marejados de lágrimas, "Se estivesse aqui perto, eles não dormiam na rua".

Também a Comunidade Vida e Paz já tentou intervir no caso. Um responsável da instituição e António Agostinho levaram os dois homens à Quinta do Espírito Santo, um centro de recuperação e reintegração em Sobral de Monte Agraço, onde vivem 65 antigos sem-abrigo, 20 dos quais ex-combatentes. Mas António e José Aldeia recusaram ficar lá e quiseram regressar às ruas de Odivelas.

O cenário de miséria choca os transeuntes e incomoda a população, obrigada a suportar um mau-cheiro intenso. Além de culparem as autoridades por nada fazerem, há quem acuse as pessoas que lhes dão comida de serem responsáveis pela continuidade dos irmãos naquele local.
